

A checagem de fatos (*fact-checking*) como nova prática jornalística: história, crescimento e profissionalização¹

Jean Gabriel Reis do Prado²

Osvando José de Moraes³

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, SP

Resumo

Este artigo discute a checagem de fatos (*fact-checking*) como um complemento às práticas jornalísticas, que ganha força com a internet, cria uma metodologia própria e ajuda o jornalismo a exercer parte de suas funções democráticas. Apesar da checagem de fatos estar fundada em conceitos básicos do jornalismo, como a apuração e a responsabilização (*accountability*) de autoridades políticas, esta prática se profissionaliza com rígidos princípios éticos e de trabalho. Neste artigo, apresentamos uma definição da checagem de fatos, mostramos como a prática evoluiu ao longo do tempo e analisamos sua profissionalização no Brasil e ao redor do mundo.

Palavras-chave: Jornalismo digital. Fact-checking. Checagem de fatos. Notícias falsas. Discursos políticos.

Introdução

Em quatro anos, veículos jornalísticos especializados na checagem de fatos, prática também conhecida pelo termo em inglês *fact-checking*, triplicaram em número, segundo um estudo do Duke Reporters' Lab (2018), publicado em fevereiro. O instituto encontrou 149 agências de checagem em todo o mundo, um aumento de 239% desde 2014, quando começou a catalogar esses projetos de jornalismo. Desde 2003, quando foi fundado o *FactCheck.org*, primeiro veículo especializado em *fact-checking*, a checagem forjou uma nova prática jornalística, que complementa a atividade tradicional da profissão e ganha espaço graças a internet.

Como explica Del Bianco (2004, p. 1), “[...] as novas ferramentas digitais colaboram para reestruturar o exercício da profissão, a produção industrial da notícia, as relações entre as empresas de comunicação com as fontes, a audiência, os concorrentes,

¹ Trabalho apresentado na DT 1 — Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduando em Jornalismo na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e bolsista de iniciação científica apoiado pela FAPESP. E-mail: jeangrprado@gmail.com

³ Doutor do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (mestrado e doutorado). Professor e pesquisador do Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: osvando.morais@gmail.com

o governo e a sociedade”. Segundo Nélia, a popularização da internet e a migração do jornalismo para esse novo meio faz com que a rede seja um “[...] canal de acesso e contato com múltiplas fontes, agências de notícias e jornais online”. Ou seja, a internet se torna um novo e ágil meio para checagem, apuração e circulação de informações.

Este último ponto pode tanto ajudar quanto atrapalhar o trabalho de um jornalista: uma informação imprecisa ou incorreta, até mesmo com a ajuda das redes sociais, pode se propagar tão rapidamente que o esforço para a contê-la pode não dar conta. Como mostra Patrício (2013, p. 160), “[...] hoje há uma exasperação por causa do furo e da exclusividade que é cada vez mais difícil por causa da internet [...]”, que pode levar o jornalista a “certos exageros”, como classificar como denúncia algo que é apenas uma suspeita, por exemplo. Por outro lado, a disseminação de notícias falsas, como invenções propagadas em redes sociais ou fatos incorretos divulgados por uma autoridade pública, pressionam o jornalista a fazer o seu papel: apurar a informação e checar sua veracidade. Este ponto também é algo discutido pelo jornalista Brooks Jackson, considerado o “pai” da checagem de fatos:

Até pouco tempo atrás, não havia internet, não havia canais de TV 24 horas, Twitter ou redes sociais. As pessoas recebiam informações filtradas pelos meios de comunicação, que trabalhavam como guardiões e detentores da notícia. Agora as pessoas são bombardeadas por informação. É aí que a imprensa precisa se reinventar, virar uma espécie de filtro para tantas histórias descabeladas. (AGÊNCIA LUPA, 2015b)

Neste contexto, este artigo defende que a checagem de fatos complementa as práticas jornalísticas, ganha força com a internet, cria uma metodologia própria e ajuda o jornalismo a exercer parte de suas funções democráticas. Por isso, apresentamos uma definição da checagem de fatos, mostramos como a prática evoluiu ao longo do tempo e analisamos sua profissionalização.

O que é e para que serve o *fact-checking*

De forma simplificada, a checagem de fatos é a retomada ao mais básico conceito do jornalismo: a apuração. Checadores apuram um fato para determinar a sua veracidade. Lucas Graves (2013, p. 1) define *fact-checking* como uma forma de “[...] examinar a veracidade de declarações públicas”, mas hoje essa é só uma faceta da checagem de fatos. O First Draft, projeto de jornalismo para combater a desinformação criado pelo Centro Shorenstein de Imprensa, Política e Políticas Públicas da Universidade de Harvard,

delimita três possíveis áreas de atuação, que podem se sobrepor em alguns pontos (FIRST DRAFT, 2017):

- *fact-checking* (checagem de fatos): selecionar uma frase exatamente como ela foi dita por alguém que tenha algum impacto ou relevância na sociedade e atestar seu grau de veracidade, normalmente com dados de bancos de dados oficiais e especialistas. Por exemplo, a checagem de um discurso político;
- *debunking* (desmistificação): analisar o grau de veracidade de um conteúdo que foi fabricado por fontes anônimas ou não oficiais. Por exemplo, um boato que surge em redes sociais ou no WhatsApp;
- *verification* (verificação): examinar um conteúdo digital (foto ou vídeo) que pode ter sido adulterado. Por exemplo, uma suposta foto de um acidente de avião.

No geral, a checagem de fatos segue uma mesma lógica, a de atestar que um conteúdo é verdadeiro ou preciso e não atua somente na verificação de discursos políticos, apesar de ainda ser a forma mais comum. Além disso, boatos de redes sociais não costumam ser o foco de muitas agências de checagem de fatos; é priorizada a cobertura política porque traz mais impacto para o leitor. Geralmente, é muito mais grave o presidente da República dar uma informação incorreta em um pronunciamento do que um boato se espalhar no Facebook ou WhatsApp. Ainda assim, é importante que algumas informações que surjam nestes meios sejam desmistificadas, principalmente quando ganham muita visibilidade e podem danificar a imagem de alguma pessoa. Em 2014, uma mulher foi espancada e assassinada, no Guarujá, após um boato de que ela estaria sequestrando crianças para “utilizá-las em rituais de magia negra” (ROSSI, 2014). A informação era falsa.

***Fact-checking*: surgimento e profissionalização**

Um mergulho na história da checagem de fatos mostra como a prática se popularizou com a internet, mas esta não é fruto da rede. Na verdade, o *fact-checking* nasceu na televisão para ajudar na cobertura das eleições norte-americanas. Em 1991, o jornalista americano da CNN, Brooks Jackson, recebeu uma ordem de seu chefe para checar a veracidade do que era dito por pré-candidatos à presidência dos Estados Unidos em propagandas eleitorais; a disputa seria entre George H. W. Bush, que concorria à reeleição, e Bill Clinton. Jackson montou um time de jornalistas que ganhou o nome de

ad police e mostrava um trecho de anúncios eleitorais dos candidatos, acompanhado de uma estampa com “verdadeiro” ou “falso”, de acordo com a precisão da informação (VIANA, 2014). Na época, outras alternativas surgiram em canais rivais, mas foram descontinuadas após as eleições, o mesmo destino que teve o projeto de Jackson.

Doze anos depois, com apoio financeiro do Annenberg Public Policy Center,⁴ Brooks fundou em 2003, junto com Kathleen Hall Jamieson, o primeiro site dedicado a checagem de fatos do mundo, o *FactCheck.org*, logo antes das eleições norte-americanas de 2004 (FACTCHECK.ORG, c2018). O site, feito para ser um “advogado do consumidor”, nas palavras de Jackson (2007), funciona até hoje e recebeu nove milhões de visitas em seus dois primeiros anos. Depois, motivados pelo *FactCheck.org*, jornais tradicionais como o *The New York Times* e *The Washington Post* lançaram alternativas parecidas para ajudar na cobertura das eleições (GRAVES, 2013). Em 2007, surgiu o *PolitiFact* que, dois anos depois, ganhou um prêmio Pulitzer pela sua cobertura das eleições norte-americanas de 2008 (ADAIR, 2009). Foi um bom ano para a checagem de fatos: uma análise quantitativa feita pelos autores mostra que o ano de mais publicações na história do *FactCheck.org* foi em outubro de 2008, logo antes das eleições em que disputaram Barack Obama e John McCain.⁵

Como se pode observar, a checagem de fatos normalmente ganha força perto de anos eleitorais, quando a discussão política normalmente está mais em alta na opinião pública e cresce a demanda para uma cobertura jornalística mais intensa do que é propagado pelos políticos. Com a função de “advogado do consumidor”, como definido por Jackson (2007), o *fact-checking* ajuda o jornalismo a exercer parte das funções ideais da profissão em uma democracia definidas por Brian McNair. Segundo este autor, o jornalismo deve, entre outras práticas, fiscalizar os governantes, responsabilizando-os por seus atos e falas e os cobrando do que realmente está acontecendo (McNAIR, 1995). Além disso, o *fact-checking* favorece outras funções ideais citadas por McNair (1995, p. 19), complementando ou preenchendo uma lacuna na atuação dos veículos tradicionais em monitorar políticos e instituições e educar o público sobre o que os fatos realmente significam.

⁴ O Annenberg Public Policy Center foi fundado pelo editor e filantropo Walter Annenberg para criar uma comunidade de acadêmicos dentro da Universidade de Pensilvânia que abordassem questões de políticas públicas nos âmbitos local, estadual e federal.

⁵ Levantamento feito a partir da URL: <<https://www.factcheck.org/archives/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Diferente de como Jackson começou fazendo, marcando declarações simplesmente como “verdadeiro” ou “falso”, outras agências de checagem de fatos pensaram em mais classificações para medir o grau de veracidade de uma informação. Dessa forma, garante-se que as nuances de uma declaração, seu contexto e possíveis desdobramentos sejam consideradas dentro do trabalho da checagem. Um político pode dizer, por exemplo, que a espera para uma consulta médica no SUS diminuiu de 50 para cinco dias, quando na verdade reduziu para 15. Não é completamente falso que o tempo de espera diminuiu, mas a redução não é tão expressiva quanto o divulgado.

Desde sua fundação, o *PolitiFact* tem um indicador chamado de *truth-o-meter*, que pode ser traduzido para medidor da verdade (HOLAN, 2018). Ele serve para refletir a precisão relativa de uma declaração e classifica uma checagem em seis níveis:

- *verdadeira*: a declaração está correta e não há nenhum dado importante faltando;
- *majoritariamente verdadeira*: a declaração está correta, mas precisa de mais informações ou esclarecimentos;
- *parcialmente verdadeira*: a declaração está correta, mas omite certos detalhes ou tira informações do contexto apropriado;
- *majoritariamente falsa*: a declaração tem alguma verdade, mas ignora fatos importantes que passariam outra impressão;
- *falsa*: a declaração não é verdadeira;
- *calças pegando fogo*: a declaração não é verdadeira e faz uma “alegação ridícula”.⁶

Hoje, para assegurar que a classificação não está equivocada, o *PolitiFact* tem uma política interna de revisão (HOLAN, 2018):

O repórter que pesquisa e escreve a checagem de um fato sugere uma classificação quando ele entrega a reportagem para um determinado editor. O editor e o repórter revisam a reportagem juntos, normalmente esclarecendo alguns pontos e acrescentando detalhes adicionais. Eles precisam concordar na classificação. Posteriormente, o determinado editor mostra a checagem e sua classificação para dois outros editores.

Finalmente, antes de publicar, os três editores envolvidos pensam na resposta para quatro perguntas: a declaração é literalmente verdadeira? A declaração está aberta a

⁶ Uma referência ao filme *Mentiroso Jack*.

interpretação? O locutor ofereceu alguma evidência? Como o *PolitiFact* lidou com declarações similares no passado? (HOLAN, 2018).

Ao analisar essa — e diversas outras metodologias de checagem — pode-se aferir que um dos pontos que a checagem de fatos mais difere do jornalismo tradicional é em sua metodologia transparente e sua política de revisão interna que prioriza a informação correta em detrimento da informação mais rápida. O *fact-checking*, então, complementa o jornalismo tradicional, observando sua cobertura noticiosa diária e selecionando declarações que foram amplificadas e não necessariamente estão corretas.

Por mais que o *PolitiFact* use o medidor da verdade desde o começo, a consolidação e discussão das práticas metodológicas da checagem de fatos é relativamente recente. Em junho de 2014, o *The Washington Post* publicou uma matéria falando sobre a explosão global na checagem de fatos política (KESSLER, 2014), que noticiava o primeiro Encontro Global de Fact-Checking, organizado pelo Poynter Institute.⁷ Na época, já existiam 48 agências de checagem de fatos ao redor do mundo, em mais de 20 países.

Depois do encontro, esses checadores passaram a se comunicar por uma lista de e-mails em grupo e eram chamados de Associação Internacional de Checadores (GRAVES, 2016) que, depois de mais um ano, se tornou a Rede Internacional de Fact-Checking (IFCN), ainda sob a tutela do Poynter Institute (POYNTER INSTITUTE, 2015b). A rede, que surgiu informalmente, “nasceu do desejo de estudar e discutir *fact-checking* como um instrumento jornalístico ao redor do mundo”, segundo Mantzarlis (2015). Eram três objetivos principais: pesquisar tendências e formatos para a checagem de fatos; fornecer treinamento online e off-line para checadores; e liderar projetos colaborativos de checagem de fatos internacionais, citando como exemplo uma iniciativa entre agências de *fact-checking* da Europa para checar, juntas, dados sobre refugiados sírios (POYNTER INSTITUTE, 2015a).

Ao longo do tempo, a IFCN ajudou a profissionalizar a atividade do *fact-checking*. Em setembro de 2016, a rede definiu, junto com seus participantes, um código de princípios (POYNTER INSTITUTE, 2016) para orientar as práticas de checagem e assegurar às agências que se proclamam como agências de checagem de fatos façam um

⁷ Centro de pesquisa e atuação em jornalismo sem fins lucrativos baseado em São Petersburgo, na Flórida.

trabalho realmente sério e não aproveitem a popularização da prática para enganar seus leitores.

Em janeiro de 2017, a IFCN criou um processo de verificação para as agências de *fact-checking*, que avalia se o código de princípios é seguido rigorosamente por cada uma. Para ser um membro verificado, uma agência de checagem precisa preencher um formulário e mostrar que atende a seis critérios (POYNTER INSTITUTE, c2017):

- *organização*, que avalia se a empresa tem CNPJ, é dedicada a checagem de fatos e publicou nos últimos três meses;
- *apartidarismo e imparcialidade*, que avalia dez checagens do veículo para garantir que a metodologia é consistente, não há conteúdo enviesado e que os jornalistas não têm ligação com nenhum partido político;
- *transparência de fontes*, que avalia se as fontes das checagens sejam tão transparentes de modo que os leitores possam checar as informações divulgadas pela própria agência de *fact-checking*;
- *transparência de financiamento*, que exige que as agências de checagem listem publicamente suas fontes de financiamento;
- *transparência de metodologia*, que exige que as agências de *fact-checking* tenham uma seção para explicar sua metodologia de checagem;
- *política aberta e honesta de correções*, que analisa a política de correções da agência de checagem e exige que ela seja publicamente acessível.

O formulário é analisado pelo conselho da IFCN, composto de membros de outras agências de checagem ao redor do mundo (POYNTER INSTITUTE, 2017). Este conselho, então, envia um boletim interno para a agência de *fact-checking* com o parecer e, caso necessário, o veículo tem tempo hábil para fazer quaisquer alterações necessárias. Depois, a agência passa por outra análise e, caso atenda os critérios, recebe o selo de verificação da IFCN. O formulário e o parecer da IFCN são divulgados publicamente no site (POYNTER INSTITUTE, 2016).

Um levantamento feito pelos autores mapeou os 49 membros verificados da IFCN⁸ e mostra que, apesar da prática ter começado nos Estados Unidos, ela está bem difundida ao redor do mundo. Apenas nove veículos verificados são dos EUA; o restante

⁸ Levantamento atualizado em 15 de abril de 2018. Ainda haviam 5 renovações aguardando a aprovação da IFCN, então o número pode ser maior no future.

das agências se dividem em outros continentes, como Europa: *AFP Factuel* (França), *El Objetivo* (Espanha), *Faktograf* (Croácia), *Faktisk* (Noruega), *Pagella Politica* (Itália), *VoxCheck* (Ucrânia), entre outros; África, com o *Africa Check*; Ásia, com o *Boom* (Índia) e *South Asia Check* (Nepal); e América Latina, incluindo o *Chequeado* (Argentina), *La Silla Vacía* e *Colombiacheck* (Colômbia) e, por fim, o Brasil, com a *Agência Lupa*, *Aos Fatos* e o *Truco* (da *Agência Pública*).

A checagem de fatos no Brasil

No Brasil, seguindo os passos dos Estados Unidos, a checagem de fatos também começou com a cobertura de eleições. O primeiro registro que existe da prática aqui no Brasil é em projetos pontuais, como o “Mentirômetro” e o “Promessômetro” do jornal *Folha de S.Paulo*, em 2010 (AOS FATOS, c2018a). O primeiro, classificava o grau de veracidade de frases ditas por candidatos à presidência da República em “verdade”, “não é bem assim”, “aumentou e distorceu” e “mentira”, aplicados em frases ditas na época por Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva. Já o segundo, categorizava as promessas de campanha dos candidatos em “possível”, “há limitações”, “difícil de cumprir” e “impossível”.

Enquanto Lucas Graves (2013) define 2004 como “o ano do *fact-checking*” para o jornalismo americano, a prática só começou a ganhar visibilidade no Brasil dez anos depois, em 2014, graças às eleições presidenciais. Em 6 de agosto de 2014, a jornalista Cristina Tardáguila lançou, no jornal *O Globo*, o blog *Preto no Branco*, citando inspirações como o *FactCheck.org* e o *Chequeado*, da Argentina, para colocar “à prova o discurso dos candidatos que disputam a eleição deste ano” (TARDÁGUILA, 2014). Duas semanas depois, o *Truco* estreou como um projeto da *Agência Pública* para checar “as falas dos candidatos a presidente durante o horário eleitoral gratuito” (AGÊNCIA PÚBLICA, [s.d.]). Enquanto o *Preto no Branco* checava as declarações dos candidatos feitas em qualquer espaço, o *Truco* focava nos programas eleitorais que eram apresentados na televisão; sua última publicação naquele ano seria em 24 de outubro, dois dias antes da votação do segundo turno. O mesmo aconteceu com o *Preto no Branco*, que teve 93% do seu volume de postagens publicadas até a votação do segundo turno.⁹

⁹ Levantamento feito pelos autores. Uma análise das publicações no blog mostra que 405 postagens foram feitas até o dia 25 de outubro de 2014, enquanto outras 30 acontecem até 6 de março de 2015, data da última postagem do blog.

Menos de um ano depois, a checagem de fatos voltaria à tona no jornalismo brasileiro para checar o que os políticos, já eleitos, estavam fazendo e falando. Em 7 de julho de 2015, Tai Nalon, jornalista que participou do “Mentirômetro” da *Folha* fundou o *Aos Fatos*, primeiro veículo focado em *fact-checking* do Brasil, para “preencher uma lacuna de cobertura jornalística prestigiada somente em época de eleições” (AOS FATOS, c2018a). Menos de um mês depois, em 3 de agosto, nasce o *Truco no Congresso*, fruto de uma parceria entre o *Congresso em Foco* e a *Agência Pública*, para checar as frases “mais relevantes apresentadas pelos congressistas dentro e fora do plenário” (AGÊNCIA PÚBLICA, [s.d.]b). Em 15 de outubro de 2015, Cristina Tardáguila, que havia liderado o blog *Preto no Branco*, funda a *Agência Lupa*, terceira iniciativa brasileira especializada na checagem de fatos para acompanhar o noticiário e “corrigir informações imprecisas e divulgar dados corretos”.

Hoje, *Aos Fatos*, *Truco* e *Agência Pública* são membros verificados pela IFCN e seguem rigorosamente o código de princípios do órgão, divulgada no site das três agências de *fact-checking*. Apesar da IFCN não estabelecer uma metodologia de trabalho, o órgão obriga as agências a criarem sua própria metodologia e mostra-las publicamente. O desenvolvimento de um método de checagem ajuda a orientar editorialmente um veículo de *fact-checking*, que seleciona o que é ou não passível de checagem e define as pautas que devem ser priorizadas. Cristina Tardáguila, em entrevista aos autores,¹⁰ conta que a metodologia da *Lupa* é inspirada no *Chequeado*, agência de *fact-checking* da Argentina, e é um aperfeiçoamento do que foi implementado no *Preto no Branco*, do jornal *O Globo*. Parte da metodologia da *Agência Lupa*, que não difere muito do *Aos Fatos* e do *Truco*, ajuda a entender como é orientado o trabalho de *fact-checking*:

Ao selecionar a frase em que pretende trabalhar, a equipe da *Lupa* adota três critérios de relevância. Dá preferência a afirmações feitas por personalidades de destaque nacional, a assuntos de interesse público (que afetem o maior número de pessoas possível) e/ou que tenham ganhado destaque na imprensa ou na internet recentemente. Preocupa-se com “quem fala”, “o que fala” e “que barulho faz”. A *Lupa* não checa opiniões. Não faz previsões de futuro. Não aponta tendências. Esforça-se para verificar o grau de veracidade de frases que contenham dados históricos, estatísticos, comparações e informações relativas à legalidade/constitucionalidade de um fato. (AGÊNCIA LUPA, 2015a)

Consequentemente, o método de trabalho das agências de checagem no Brasil tem como foco verificar o grau de veracidade de frases que podem ser contrastadas com dados

¹⁰ Entrevista por telefone realizada no dia 13 de abril de 2018.

públicos e que contribuem com o debate político nacional. Tardáguila acrescenta que o que usa para checar os políticos são bancos de dados do IBGE, Ipea, o site do Senado e da Câmara. A *Lupa*, *Aos Fatos* e o *Truco* também usam etiquetas para classificar a precisão de uma informação, como era feito no *PolitiFact*.

No Brasil, as agências de *fact-checking* têm uma evolução parecida com os veículos de checagem dos Estados Unidos: nascem dentro de jornais já consagrados e ganham sua autonomia quando há uma prática bem estabelecida. Hoje, os veículos de checagem, como o *Aos Fatos* e a *Lupa*, funcionam de forma semelhante a uma agência de notícias: produzem conteúdos e, além de publicar em seus próprios sites, vendem algumas checagens com exclusividades para veículos tradicionais. Matérias da *Lupa*, por exemplo, já apareceram na versão impressa da *Folha de S.Paulo* (MARÉS; AFONSO; LEAL, 2018), o maior jornal em circulação do país (FOLHA DE S.PAULO, [s.d.]), enquanto o *Aos Fatos* mantém uma parceria com o *UOL* (AOS FATOS, c2018c).

Esse tipo de parceria ajuda tanto a divulgar os veículos de *fact-checking* para o grande público quanto serve como uma das formas de financiamento para as agências. Para financiar sua atuação, além de parcerias editoriais, o *Aos Fatos* faz campanhas de *crowdfunding* (quando diversos leitores doam uma determinada quantia de dinheiro para o veículo) e consultorias em *fact-checking* (AOS FATOS, c2018c). Como informa a página de apoiadores do *Aos Fatos* (c2018b), essas “[...] ações partem do princípio de que um jornalismo verdadeiramente independente e profissional só é possível se sustentado por diversas fontes de financiamento”. A *Agência Lupa* e o *Truco* têm fontes de financiamento semelhantes, apesar da *Lupa* também ter o apoio da Editora Alvinegra, dona da *Revista Piauí*.

Conclusão

O principal fator que faz da checagem de fatos uma prática confiável é sua transparência. Com uma organização, metodologia, financiamento, fontes e política de correções publicamente acessíveis, tanto das agências de *fact-checking* quanto da própria IFCN e Poynter Institute, a prática se consolida como uma área dentro do jornalismo que meticulosamente analisa declarações, imagens, vídeos e qualquer outro tipo de informação e determina seu grau de veracidade, quando é possível checá-la.

Portanto, pode-se observar que a checagem de fatos já está bem estabelecida como uma nova prática jornalística, que tem suas próprias regras para assegurar que o conteúdo

publicado esteja dentro dos padrões do “bom” jornalismo. A prática recupera parte da credibilidade da profissão que se perdeu ao longo dos anos e ajuda a combater a desinformação e garantir que o público saiba quando uma autoridade está falando a verdade ou não.

REFERÊNCIAS

ADAI, Bill. **PolitiFact wins Pulitzer**. 2009. Disponível em:
<<http://www.politifact.com/truth-o-meter/article/2009/apr/20/politifact-wins-pulitzer/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

AGÊNCIA LUPA. **Como a Lupa faz suas checagens?** 2015a. Disponível em:
<<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. **Mas de onde vem o fact-checking?** 2015b. Disponível em:
<<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/de-onde-vem-o-fact-checking/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

AGÊNCIA PÚBLICA. **Checagem — Truco**. [s.d.]a. Disponível em:
<<https://apublica.org/checagem/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. **Truco no Congresso**. [s.d.]b. Disponível em:
<<https://apublica.org/especial/truco-no-congresso/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

AOS FATOS. **O que é checagem de fatos — ou fact-checking?** c2018a. Disponível em: <<https://aosfatos.org/checagem-de-fatos-ou-fact-checking/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. **Nossos Apoiadores**. c2018b. Disponível em: <<https://aosfatos.org/nossos-apoiadores/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. **Nosso Financiamento**. c2018c. Disponível em: <<https://aosfatos.org/nossos-parceiros/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BIANCO, Nelia R. Del. A Internet como fator de mudança no jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXVII, n. 1, p.133-150, jun. 2004.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DINIZ, Amanda Tavares de Melo. Fact-Checking no Ecosistema Jornalístico Digital: Práticas, Possibilidades e Legitimação. **Mediapolis**: revista de comunicação, jornalismo

e espaço público, Coimbra, p. 23-37, 11 maio 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

DUKE REPORTERS' LAB. **Fact-checking triples over four years**. 2018. Disponível em: <<https://reporterslab.org/fact-checking-triples-over-four-years/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FACTCHECK.ORG. **About Us**. c2018. Disponível em: <<https://www.factcheck.org/spindetectors/about/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FIRST DRAFT. **Is that actually true? Combining fact-checking and verification for #GE17**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/1st-draft/is-that-actually-true-combining-fact-checking-and-verification-for-ge17-a581ec94a2b4>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FOLHA DE S.PAULO. **Circulação e audiência**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GRAVES, Lucas; NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. **Why do journalists fact-check?**: The role of demand and supply-side factors. Hanover, jan. 2016.

_____, Lucas. Boundaries Not Drawn. **Journalism Studies**, Madison, v. 19, n. 5, p. 613-631, 24 jun. 2016. Informa UK Limited.
<http://dx.doi.org/10.1080/1461670x.2016.1196602>.

_____, Lucas. **Deciding What's True**: The Rise of Political Fact-Checking in American Journalism. Nova York: Columbia University Press, 2013. 336 p.

HOLAN, Angie Drobnic. **The Principles of the Truth-O-Meter**: PolitiFact's methodology for independent fact-checking. 2018. Disponível em: <<http://www.politifact.com/truth-o-meter/article/2018/feb/12/principles-truth-o-meter-politifacts-methodology-i/#Truth-O-Meter-ratings>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

JACKSON, Brooks; JAMIESON, Kathleen Hall. **unSpun**: Finding Facts in a World of Disinformation. New York: Random House, 2007. 195 p.

KESSLER, Glenn. The global boom in political fact checking. **The Washington Post**. Washington, D.C. 13 jun. 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/fact-checker/wp/2014/06/13/the-global-boom-in-fact-checking/?noredirect=on&utm_term=.6a168708e48b>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MARÉS, Chico; AFONSO, Nathália; LEAL, Natália. Agência Lupa: Bolsonaro diz que não tem foro e que usa menos benefícios. **Folha de S.Paulo**. São Paulo. 09 fev. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/agencia-lupa-bolsonaro-diz-que-nao-tem-foro-e-que-usa-menos-beneficios.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MCNAIR, Brian. **An Introduction to Political Communication**. 5. ed. Oxford: Routledge, 1995.

POYNTER INSTITUTE. **#RefugeeCheck: a Europe-wide fact-checking initiative**. 2015a. Disponível em: <<https://www.poynter.org/news/refugeecheck-europe-wide-fact-checking-initiative>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. **Becoming a signatory to the IFCN COP: the process**. 2017. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1TVH6Xduaz8lYxvnRfMzi85PMTxCseNoUQ-gcdqIsnoI/edit>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. **Fact-checkers around the world agree on shared code of principles**. 2016. Disponível em: <<https://www.poynter.org/news/fact-checkers-around-world-agree-shared-code-principles>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. **IFCN code of principles — application**. c2017. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdBQ-UpGw7lGTb7o8x6sqjBNTXVI33gMdjmpCmsfw599KZpvg/viewform>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. **Introducing Poynter's International Fact-checking Network**. 2015b. Disponível em: <<https://www.poynter.org/news/introducing-poynters-international-fact-checking-network>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

ROSSI, Mariane. Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP. **G1**. Santos. 05 maio de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

TANDOC JR, E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “Fake News”. **Digital Journalism**, p. 1–17, 30 ago. 2017.

TARDÁGUILA, Cristina. Discursos Checados. **O Globo: Preto no Branco**. Rio de Janeiro. 06 ago. 2014. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/preto-no-branco/post/discursos-checados-545079.html>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

VIANA, Natalia. **Um turbilhão de Trucos**. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/537806-um-turbilhao-de-trucos>>. Acesso em: 15 abr. 2018.